Revista Militar, II Século, ano 23, nº 10, outubro/1971, pp. 614-628

RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

8 — TOMADA DE SANTARÉM

(15 DE MARÇO DE 1147)

Brigadeiro
J. A. DO AMARAL ESTEVES PEREIRA

Entre as duas cidades do TEJO, SANTARÉM e LISBOA, esta última elogiada e engrandecida pelo grande geógrafo e historiador mussulmano Edrici, vamos fazer aqui um breve estudo sobre a primeira, e a sua conquista, visto que, da segunda, que é a nossa capital, tomada em 1147 também, com basto auxílio de Cruzados Nórdicos, já da própria época há bastantes relatos, entre eles o do Cruzado Britânico Osberno, que é considerado como dos mais completos.

Portanto da tomada da ASHBUNAH dos Mussulmanos não trataremos, pelo menos por agora, mas da primeira, até pela sua importância estratégica, no que diz respeito ao desenvolvimento das operações de conquista do nosso primeiro Rei, para Sul do Condado, logo após o combate vitorioso de OURIQUE.

Os «fossados» e outras operações de depredação e devastação do nosso famoso «Ibne Arrique», o «maldito de Allah», no dizer dos Mussulmanos, fizeram tal efeito sobre os Almoadas, que tinham, pouco a pouco, substituído os Almorávides, que até lhes chegaram a prestar homenagem e a pagar tributos a D. Afonso para evitar mais prejuízos com os seus fossados e destruições.

Isto, até certo ponto, faz crer no reconhecimento da superioridade militar das hostes de D. Afonso I, estabelecimento de negociações e um pacto, até certo ponto válido, entre os dois partidos. E é isso que nos espanta hoje: como o nosso D. Afonso com um modesto punhado de homens se conseguia impor a uma multidão de Sarracenos, espalhados um pouco por todo o território que, a pouco e pouco, ia formando o nosso PORTUGAL de hoje.

Segundo as crónicas mouras, a iniciativa deste pacto temporário poderia muito bem ter partido dos próprios Mouros, mas também pode ter sido ditado por imposição do mais forte!...

Seja como for, houve realmente um certo período de preponderância de governo cristão e até de ocupação militar dos *pontos fortes, posições chaves* da parte do nosso primeiro Rei. E de aí ter havido um período relativamente longo de tréguas com os Sarracenos e que podemos limitar entre 1140 e 1147, isto é, entre o desastre de TRANCOSO e a tomada de SANTAREM, a «XANTARIN» das Crónicas Árabes.

Mas, D. Afonso Henriques, além das suas preocupações com a administração do seu Reino nascente e com a complexa questão do reconhecimento da sua soberania pelo Papa, não deixava, em algum momento, de pensar em alargar os seus territórios para Sul — já que, para Norte e Leste, isso lhe estava vedado pelo pacto com o primo Imperador — para os libertar da dominação Sarracena, que, nessa época, tinha o duplo fim político e religioso, e para os garantir, cada vez mais, das cobiças dos seus parentes de LEÃO-CASTELA, que naqueles tempos eram constantes, pois apesar dos pactos estabelecidos, não se esqueciam, que a dádiva do Condado Portucalense por Alfonso VI, não devia ter tido efeito de separação definitiva, mas apenas formar parte, província, feudo, elemento de comunidade do Império Ibérico, como Alfonso VII o designava.

Ora, para esse alargamento para Sul, a posse da altaneira XANTARIN, ponto forte na margem do TEJO, de

SINTRA, a de LIXBONA e até a de ALCACER, eram indispensáveis duplamente e andavam constantemente no seu ânimo e no plano de operações futuras.

Mas D. Afonso I não foi um inconsiderado, um impulsivo, antes um chefe ponderado e prudente e esperava sempre o momento oportuno para tomar as suas decisões. Audacioso e valente sempre o era, imponderado e inconsiderado nunca o foi...

Mário Domingues, no seu livro «D. Afonso Henriques», retrata muito bem o carácter do nosso primeiro Rei.

Pelas Crónicas, pelo exame aprofundado dos documentos dispersos nos arquivos, ele consegue retratar o Homem, que nós imaginamos impetuoso, brutal, atlético (em face da sua grande altura e compleição fortíssima, no seu esqueleto retratadas...) cheio de impaciência e de arrojos temerários, como qualquer príncipe da Idade Média e dar-nos, pelo contrário, uma ideia inteiramente diferente. Diz ele (de que pedimos vénia):

«*Aquando da preparação da tomada de SANTAREM, a inexpugnável praça maometana, que era a chave e objectivo intermédio, necessário para a progressão para Sul, ele encarregou Mem Ramires de estudar táctica e detalhadamente a topografia da cidade e tentar descobrir o* ponto fraco *para a poder acometer por surpresa.*

Mem Ramires, que demonstrou ser homem muito hábil e destemido, desempenhou-se da incumbência para além de toda a espectativa.

Em Afonso Henriques havia alguma coisa de caçador furtivo: esperas, emboscadas, armadilhas, fintas, manobras enganadoras, assaltos imprevistos, tudo quanto fossem ardís, eram as características da sua maneira de lutar.» Por isso lhe chama: «*mais guerrilheiro que guerreiro*» à boa moda Medieval!

«*Persuadido da viabilidade do seu astuto plano, largou de COIMBRA, sua corte de então, não com um exército, como era de esperar, mas apenas com um pequeno troço de bons cavaleiros, capitaneados por Fernando Peres, que*

ignoravam completamente a que espécie de operações o monarca os conduzia»...

Segue a descrição da tomada da praça, de que trataremos adiante. Aqui, só quisemos reproduzir o retrato traçado por Mário Domingues, historiador probo, que, nos arquivos nacionais e da vizinha ESPANHA, tem ido beber de boas fontes, os elementos das suas narrativas, na intenção constante de só relatar a verdade comprovada, tanto quanto ela pode ser contada, depois de tão distantes tempos, e acabar, em vários passos da nossa História, com lendas, mentiras, patranhas, erros grosseiros que não ilustraram, antes pelo contrário denegriram certos aspectos de acontecimentos e certos vultos ilustres do nosso Passado. E a História de PORTUGAL não precisa disso!...

E esse retrato mostra-nos com todas as cores o carácter de Afonso Henriques, mais como chefe guerrilheiro, comandando «raids» e «patrulhas ofensivas» (como hoje diríamos), mais caçador furtivo (o apôdo é dele, escritor) do que chefe puramente militar, cheio de preconceitos, à boa moda medieval; mais chefe de bando do que general de campo de batalha, mais engenhoso em armadilhas, do que conhecedor de táctica medieval de campo-raso.

E a prova é que, durante o seu longo reinado, a combater constantemente, com Maometanos, a Sul, com o primo Leonez a Norte e a Este, nunca ofereceu, nem sustentou uma batalha campal que se saiba depois de S. MAMEDE, mas essa com sua Mãe, por verdadeira razão de estado e até de dignidade de filho e com seus sequazes!...

OURIQUE, como noutro artigo tratámos, foi um «fossado», executado, como de costume, por um troço pequeno de cavaleiros, destemidos e executado, por certo, de surpresa.

Se foi a S., ou a N. do TEJO, se foi no OURIQUE, perto de BEJA (para nós hipótese quase inaceitável como o tentámos provar já), ou no OURIQUE perto de LEIRIA, ou de CARTAXO, ou em outro sítio no RIBATEJO (hipótese mais plausível por todas as razões), mas a N. do TEJO,

o que é mais lógico, também por todos os motivos, pouco importa: foi um passado, mas que teve uma importância estratégica, que ainda não tem sido bem realçada: fez com que houvesse uma trégua que deu aso a poderem ser ajustadas as pazes de D. Afonso com seu Primo em VAL-DE--VEZ e poder ficar livre, a N. e a E., de inimigos. Isto teve um valor incalculável!

*

A melhor narrativa da tomada da Cidadela de SANTARÉM, alcandorada na margem direita do TEJO, num lugar de grande valor estratégico para a prossecução das operações para Sul, parece ser, na opinião do nosso historiador Prof. Ângelo Ribeiro, a que está contida num Códice do Cartório do Mosteiro de ALCOBAÇA e que contém as obras de S. Fulgêncio. O autor deve ter sido um monge e, se não é narrativa coeva, pelo menos é transcrita de narrativa oral de algum dos intervenientes na luta, na tomada da cidade.

Referindo o que contraria o próprio Rei, se fosse o narrador, declara que tomou a cidade aos Mouros, ainda não tinha um ano de casado com D. Mafalda, o qual se realizou em 1146 e, portanto, deve a tomada ter sido em 1147. Parece que D. Afonso Henriques, cinco dias depois de lhe ter nascido o seu primogénito, Henrique, que cedo morreria, marchou de COIMBRA, sua corte, acompanhado dos cavaleiros de sua casa e de homens de armas daquela cidade com a intenção de assaltar SANTAREM e, portanto, a data desta operação deve ser 10 de Março de 1147.

Mas temos, também, Fr. António Brandão na «Monarquia Luzitana», que nos dá uma narração da tomada da cidade e que pedimos vénia para seguir, a par e passo:

«*É a Cidade (SANTAREM) povoação muito notável do Reino de PORTUGAL e está construída em sítio alto e preponderante na margem direita do RIO TEJO. Em volta, grandes, dilatados e férteis campos a cercam. Os Mouros tinham-na em grande importância, quer comercial e agrí-*

cola, como sob o ponto de vista militar, pela sua força e pela sua situação. O seu antigo nome era «SCALABIS» e ficou a chamar-se SANTAREM, por ocasião do martírio da gloriosa S.ª Eiria e do seu sepúlcro. O martírio da Santa foi em TOMAR, o corpo deitado ao NABÃO e a corrente levou-o ao TEJO por intermédio do ZÊZERE e veio parar junto da vila, sempre por meio das águas, por ordem dos anjos e do nome da Santa derivou o seu nome: Santa-Eiria → SANTAREM, ou Sancta-Irena → SANTAREM, conforme as opiniões. Esta versão é a do foral dado por Alfonso VI de LEÃO em 1095. Já no foral do neto, de 1179, figura a forma SANCTAREN, ou com a variante SANCTAEIREN (doc.º de 1098)». A forma em «árabe» (talvez preferível «sarraceno») XANTARIN, indica que era este o nome da cidade quando os Muçulmanos invadiram a PENÍNSULA (711). O Prof. David Lopes diz que Santa Erena daria SANTA-IRIA, assim como «LEIRENA» deu LEIRIA.

Diz o Prof. Ângelo Ribeiro que a forma portuguesa deriva directamente do genitivo latino «Sanctæ Irenæ».

Debaixo do ponto de vista militar, para S. de COIMBRA, era uma das povoações mais importantes, excelentemente situada, forte de sua natureza topográfica e óptima pelos campos férteis e fartos recursos, que a rodeavam, não só em víveres como em forragens, para a criação de gados, sobretudo cavalos, de que os Mouros tanto necessitavam, sendo uma das suas principais «armas» de combate e que eram *«de tal raça e de tal ligeireza, que a crerem alguns até nasciam do vento!»...*

O cronista maometano Razi chega ao ponto de dizer: *«que os campos em redor eram tão férteis, tão bons, que podiam dar duas sementeiras por ano!... Quando o TEJO enche, invade a campina, cobre-a toda, enche-a de nateiros e fica a terra tão boa, que o pão amadurece ràpidamente»*.

Duarte Nunes de Leão, o cronista máximo do Séc. XVI, referindo-se às cheias e adubamento das terras compara a região ao EGIPTO e o TEJO ao NILO. Mas a situação da cidade alcandorada na colina sobre o TEJO é a principal

qualidade, bem evidenciada por todos os cronistas, pelo escarpado da sua vertente sobre o rio, pela solidez das suas muralhas, o que a torna, a bem dizer, «*uma posição inexpugnável*», segundo diz Brandão, «*sobretudo pelo lado nascente. Pelo poente tem boas defesas, muralhas e baluartes (?) e no meio destas defesas todas, alcandorada e encaixada nas suas muralhas*».

A alcáçova era ainda cercada de muralhas próprias, e tinha ponte levadiça.

Edrici, referindo-se a XANTARIN, além de enaltecer a sua posição e defesas formidáveis, refere-se a um bairro ribeirinho, a actual RIBEIRA DE SANTAREM, e que então se chamava SESERIGO, de origem visigótica. O arrabalde meridional de hoje conserva o nome mouro de ALFANGE («cobra», em sarraceno).

Nesta crónica dá-se a entender, que teria havido já anteriores tentativas cristãs para se tomar a cidade e refere ao facto de Alfonso VI de LEÃO só ter recuperado a povoação por capitulação e não por assalto às suas obras de fortificação sempre e por todos consideradas muito difíceis, sobretudo pelo lado de Oeste, em que os Mouros, mesmo antes do comando de Abu Zacarias, a tinham tornado inexpugnável.

Não se estranhe todos estes detalhes, para fazer salientar a fortaleza da praça, que temos vindo a fazer. É porque não é demais notar o valor da astúcia, da «*ruse*» (passe o termo francês, aqui bem aplicado) do nosso primeiro Monarca na tomada de uma praça que nem com os maiores exércitos de então cairia à força das armas, por um ataque, considerado «*à viva força*»!...

*

É já tempo de tentarmos descrever a tomada da praça. Reunindo, aqui e ali, dos vários relatos dos cronistas, podemos dar uma ideia da grande vitória conseguida pelo nosso

primeiro Rei, não à força das armas, mas antes pela astúcia, pela surpresa, pela habilidade...

É evidente que o próprio D. Afonso Henriques estava convencido, que seria tempo perdido pôr cerco à cidade e que só a poderia tomar por surpresa e depois talvez, à viva força. Parece que já a tentara tomar, mas o segredo não foi bem guardado e os moradores defenderam-se tenazmente à custa das suas fortificações, precavendo-se ainda contra assaltos futuros.

Depois de ter estudado bem a situação, o inimigo e os meios, como hoje diríamos, decidiu tomá-la de noite, à viva-força, localmente e por um assalto por surpresa...

Como operação preliminar, encarregou Mem Ramires, fidalgo de sua confiança, inteligente e habilidoso de ir de COIMBRA à cidade a conquistar, com o pretexto de tratar de negócios e incumbido de estudar bem os melhores pontos, para se efectuar o assalto e a escalada das várias séries de muralhas, o regime de vigilâncias em vários pontos («atalaias» e seu regime de rendições), etc.

Ele cumpriu inteligentemente a sua missão, segundo parece e voltando a COIMBRA fez, ao seu Rei, um relatório circunstanciado, comprometendo-se a ser ele próprio o guia e o primeiro cavaleiro a trepar às muralhas e a dirigir o assalto.

Depois de combinar com Mem Ramires os pormenores da operação, o Rei voltou ao palácio e com os seus mais directos chefes gizou o plano completo, nos mais pequenos detalhes, como era seu método.

Então, acompanhado de um troço de uns 250 dos seus melhores cavaleiros, entre os quais bastantes Templários, partiu D. Afonso, de COIMBRA, na segunda feira 10 de Março desse ano de 1147. A primeira noite foi pernoitada em ALFAFAR; no dia seguinte, em DORNELAS e aí, ordenou a Martim Moabe, que fosse com mais dois cavaleiros a SANTAREM, a anunciar aos Mouros, que as tréguas tinham terminado. Era, então, uso este gesto de lealdade, anunciar o fim de tréguas, três dias antes de se romperem

as hostilidades. Afinal, estes gestos de lealdade inutilizavam, em parte, o efeito da surpresa que se pretendesse conservar, *mas era obrigatório*, segundo os «canones» *da guerra medieval* e a que ninguém podia desobedecer, sob pena das maiores censuras e anátemas! Que diferença para os tempos de hoje, em que já se ataca, sem, ao menos, declaração de guerra!...

Este Moabe deve ter sido um «moçarabe», ou um mouro renegado, mas a 1.ª hipótese é a filiada por Herculano:

No dia seguinte, os mensageiros já estavam de volta, em OUREM e aí se encontraram com a hoste.

Na 5.ª feira (13) chegaram cedo à SERRA de ALBARDOS, onde ficaram até à noite, iniciando-se, então, a marcha e chegando ao romper d'alva a PERNES, já próximo (18 km) de SANTAREM. Então, o Rei achou asado o momento de quebrar o segredo da operação e confiar à sua hoste o seu plano de operações, que, até esse momento, só era conhecido dos principais chefes. D. Afonso falou aos seus homens de armas e essa fala (segundo o monge cronista) *«encantou pela simplicidade, pela sinceridade e pelo tom de genuína camaradagem»*, — coisa de estranhar naqueles rudes tempos — mas que mostrou as qualidades de chefe que D. Afonso possuia. É na sinceridade e simplicidade com que os grandes chefes falam e tratam os seus homens, que reside, muitas vezes, o êxito! A história o prova!...

A sua fraternal arenga terminou magistralmente assim (segundo o nosso monge):

— *«Acreditai-me, companheiros, tão fácil me fica esta empreza, que pelo contentamento de alma que já sinto a demora de um dia me parece longo tempo, que tomára já reduzido a um momento...*

Combatei, portanto, por nossos filhos e descendentes, que convosco eu próprio estarei sempre, sendo o primeiro a arriscar-me, e nada haverá, na vida ou na morte, que de vós me possa apartar...».

Deu ordem, então, que fossem escolhidos 120 homens de armas e se fabricassem 10 fortes escadas, cada escada para 12 homens. Assim, calculava ser mais fácil a escalada e logo que os primeiros homens atingissem o alto das muralhas, hasteassem o estandarte do Reí para dar ânimo aos outros. E imediatamente tratariam de correr ou quebrar os ferrolhos da porta, ou portas, mais próximas para permitir que o tropel dos homens de armas por elas entrasse e levasse o terror e a confusão aos ocupantes. E que se combatesse com toda a valentia e ferocidade contra todos, sem distinção de idades e sexos.

Em resumo: era este o plano do assalto à praça.

Bem explicado o plano, os cavaleiros da hoste tentaram, por várias vezes, persuadir o Rei para os não acompanhar, nesta perigosa empresa, porque poria em perigo a sua vida e com ela a independência do Reino, por falta ainda de descendência; o Rei teria, a estas observações, respondido *«que mais valeria perder a vida do que não tomar SANTAREM, naquela altura, pelo seu próprio valor e pelo prestígio, que de aí adviria para as suas pretensões e para o seguimento da conquista do Reino»*.

Aproximando-se da praça de noite, chegaram perto da eminência, em que ela estava edificada; apearam-se os cavaleiros e seguiram a pé silenciosamente no escuro, tendo posto a bom recato as montadas, e foram andando de vagar pelo vale entre o Monte (hoje chamado) de S. BENTO e a fonte de ATAMARMA. Subiram, silenciosamente, pelos caminhos sinuosos, entre fojos e arvoredos, guiados, é claro, pelo excelente Mem Ramires; pararam aos poucos; ouviam os gritos «de alerta das atalaias», orientando-se sobre os pontos de vigilância. A hoste penetrou, então, numa seara, encobrindo-se com o trigo, já bastante alto, e acaçapando-se o mais possível, esperaram pacientemente, que as atalaias, cansadas, cedessem ao sono. Passaram-se horas de impaciência e, quando os julgaram bem adormecidos, por já há bastante tempo se não ouvirem os seus gritos habituais, avançou cautelosamente o nosso Mem Ramires com os seus

homens, armados de escadas, para o sítio chamado ALCÚDIA. D. Afonso dividiu, então, a hoste atacante em dois «troços»: um, entregou-o a Gonçalo Gonçalves, que devia defender a porta de ATAMARMA e cortar o passo aos do arrabalde de SERERIGO, no caso de quererem ajudar os defensores. O outro troço, sob o seu comando directo, dirigiu-se, no maior silêncio, para as muralhas de ALPLAN [1] (parte ocidental da cidade e de acesso mais difícil).

Mem Ramires, segundo a crónica, com a ponta da sua lança, tentou prender a primeira escada, no alto do muro; esta resvalou e caiu com estrondo! Então, ele não perdeu um momento; curvou-se e ordenou a um homem de armas bastante alto que trepasse para os seus ombros e prendesse a escada nas ameias. Assim se fez, sem perda de tempo; subiu, logo por ela, o que levava o guião do Rei e, logo atrás, o próprio Mem Ramires, seguido pelos seus homens. Mal tinham três homens atingido o alto da muralha, as vigias despertaram e perguntaram o sacramental «quem vem lá?» e como vissem, na pouquíssima luz das estrelas, que eram homens de armas, desataram a gritar: «Anacara!... anacara!...» (Nazarenos, nazarenos) enquanto Mem Ramires lançava, do alto do adarve, o grito de guerra: «*Santiago e Rei Afonso!*». Fora dos muros, cá em baixo, o «Ibne Anrique» clamava, com o máximo vigor: «*Santiago e Virgem Maria!*» e dando aos da sua hoste a ordem de ataque: «*Matai-os todos! Que nenhum escape ao ferro!*».

O inteligente e hábil Mem Ramires — a quem se deve, sem dúvida, grande quinhão do êxito, não precisou de mais de duas escadas e não devem ter subido mais talvez de 20 homens e... esses bastaram!...

Correram ràpidamente às portas designadas e de que ele conhecia bem a situação, (vantagem de um prévio reconhecimento minucioso e inteligente), correram os ferrolhos e com pedras, machados e até com um grosso malho,

---

[1] ALPLAN, arabização de «planus» latino, mais plano.

lançado de cá de fora, partiram os mais resistentes e, minutos bastaram, para que a hoste, que cá fora aguardava, se precipitasse de roldão e invadisse, em poucos instantes, toda a cidade, apanhando, pràticamente de surpresa, a maioria dos defensores e moradores.

Logo que passou uma das portas, o Rei ajoelhou em terra e deu graças a Deus, pela facilidade da conquista, que a ele lhe parecia milagre, findo o qual, desembainhou o montante e, no meio dos seus homens de armas, entrou na luta como um simples soldado!...

*

A matança ficou memorável entre os Mouros e de aí o ficar, para sempre, bem justificado o horror de só ouvirem pronunciar o seu nome de «Ibne Anrique», senhor de COIMBRA, nome detestado como o do Diabo (lá deles) e que perdurou até à sua morte!

Os Mouros principais da cidade foram passados pelas armas, espada ou outras, conforme as categorias (crueldade inútil, mas necessária e usual naqueles tempos brutais, em que a crueldade era uma necessidade para completar psicològicamente uma vitória!...). Alguns ainda conseguiram fugir, entre os quais, o próprio Abzecri, que devia ser ainda o governador da praça (vulgo Zacarias como os nossos lhe chamavam).

Quando amanheceu, depois daquela noite de luta e de pesadelo para os defensores e moradores, nesse sábado, 15 de Março de 1147, já D. Afonso Henriques era senhor de SANTAREM, de ora avante perdida para sempre para os Maometanos. Tinha-se dado mais um passo na reconquista da linha do TEJO e, portanto, na Reconquista Cristã deste canto da Península IBÉRICA.

E foi assim, verdadeiramente, um simples punhado de cavaleiros, num rasgo de audácia, mas, também, inteligentemente conduzido, que tomaram aquela praça fortíssima em que várias tentativas anteriores tinham falhado! Mas

esse punhado de valentes teve um Chefe à altura da empresa; apesar de bastante novo (36 anos nessa altura), cheio de bom senso, cauteloso, hábil na organização, prudente no comando, astuto, ao máximo, valentíssimo na acção, *um Chefe, na mais alta acepção da palavra,* e que foi o primeiro Rei de uma Nação, que se conquistou e engrandeceu em lutas constantes, palmo a palmo, sem desfalecimentos, e, quando não poude mais dilatar-se territorialmente, teve o Mundo inteiro à sua mercê, para descobrir, para evangelizar, para civilizar, para ocupar, para conquistar certos pontos, aqui e além, e que foram os alicerces, as colunas mestras da sua brilhante História!...

Como notas curiosas, podemos ainda citar, que Gonçalo Gonçalves a quem D. Afonso deu o comando da outra hoste, já fora nomeado anteriormente por D. Teresa (Mãe de D. Afonso) governador, ou alcaide, do Castelo de Soure, antes de este passar para os Templários.

Mem Moniz de Cantarei, diz-se, que com um machado deu tal pancada num dos ferrolhos, que foi o primeiro a abrir uma porta escavacando-a. Assim, foi que conquistou o apelido de «Machado», que teve nele a origem (1147) como apelido ilustre.

A um Fernando Peres, que vem citado nas crónicas, como irmão, ou filho natural, de D. Afonso Henriques, parece ter sido apenas sucessor de Egas Moniz, como aio e veador do Rei.

Sobre o carácter do nosso primeiro Rei, já fizemos algumas considerações, algumas devidas à pena de Mário Domingues, que o retratou explendidamente. Mas há uma analogia interessante, que fomos encontrar na Crónica do 2.° cerco de Diu de Leonardo Nunes, em que, sobre o chefe «rume» Coge, Cofar, ele diz:

— «*ho mais rico de todolos senhores mouros muy discreto e sesudo, experimẽtado na malicia e capitão maravilhoso e perfeito em tudo e em todas has maneyras denganos e menlyres (?) e traições*...».

Foi este o juízo do pior e mais astuto inimigo que tivemos no Oriente e estas frases do cronista podem-se bem aplicar a um vulto histórico, séculos antes, distinguido e que acabamos de focar numa das suas primeiras façanhas: passados 393 anos antes (de 1145, SANTAREM a 1538, DIU...).

*

Só duas palavras de observação estratégica do feito, que tentámos descrever, por colectânea dos relatos de cronistas e historiadores, e que é nosso hábito para terminar um estudo desta índole:

A progressão para Sul, no território do antigo Condado Portucalense, não podia deixar de ser o *objectivo número um* do nosso primeiro Rei.

Aguentando um estado de paz a leste, fazendo as pazes, o mais depressa, que poude, com o seu belicoso primo, a que as suas ambições de independência não podiam ser simpáticas, como era natural, era a progressão para Sul, em território, ocupado, ou, pelo menos, mantido parcialmente, pelos Mouros e a posse do que restava do território até ao mar, que ele desejava possuir, para constituir o seu Reino, e isto porque, logo de início, bem percebeu, que toda a expansão para leste, ou para N. (Condado Galaico, de seus tios) até ao mar lhe seria muito difícil, senão impossível!...

Ora, para alcançar esse objectivo estratégico, que se concretizava, no limite, no ALGARB e no mar, necessitava, primeiro — e disso devia ter a certeza plena e nítida — de se apoderar da linha do TEJO, fronteira de duas dominações e, para isso, das principais praças, pontos de apoio fortes dessa linha-fronteiriça do domínio sarraceno, isto é: LISBOA, a «ASHBUNAH» mourisca, SANTAREM, a «XANTARIN» moura, mas esta em primeiro lugar, pois, sem a sua prévia posse, a outra era inexpugnável e, depois, também outros pontos fortes no curso do rio, como ALMADA e depois CINTRA, ALCACER e outros.

E, de aí, a resolução da tomada de SANTAREM, que ao fim de algumas tentativas, conseguiu, como acabamos de ver mais pela habilidade, pelo ardil e pela surpresa, do que pela força numérica das armas, o que talvez não conseguisse nunca!...

E com o seu feitio de chefe «*mais guerrilheiro do que general*» à boa maneira medieval, ele conseguiu o seu objectivo táctico, elemento da manobra estratégica, que, foi, afinal, a determinante da sua vida, do seu longo reinado.

E, agora, vem-nos à lembrança a semelhança do seu feitio com o de Fernando de ARAGÃO — o Rei Católico —, que, na tomada de GRANADA, empregou toda a sua habilidade maquiavélica, toda a sua astúcia, e conseguiu o seu fim quase sem desperdício de uma gota de sangue!...

E não são menores os Chefes, que, procedendo assim, conseguem vitórias de efeitos tão estrondosos como as deferidas nos largos campos de batalha!...